

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: diária de Mimos Class.: 43

Data: 30/10/83

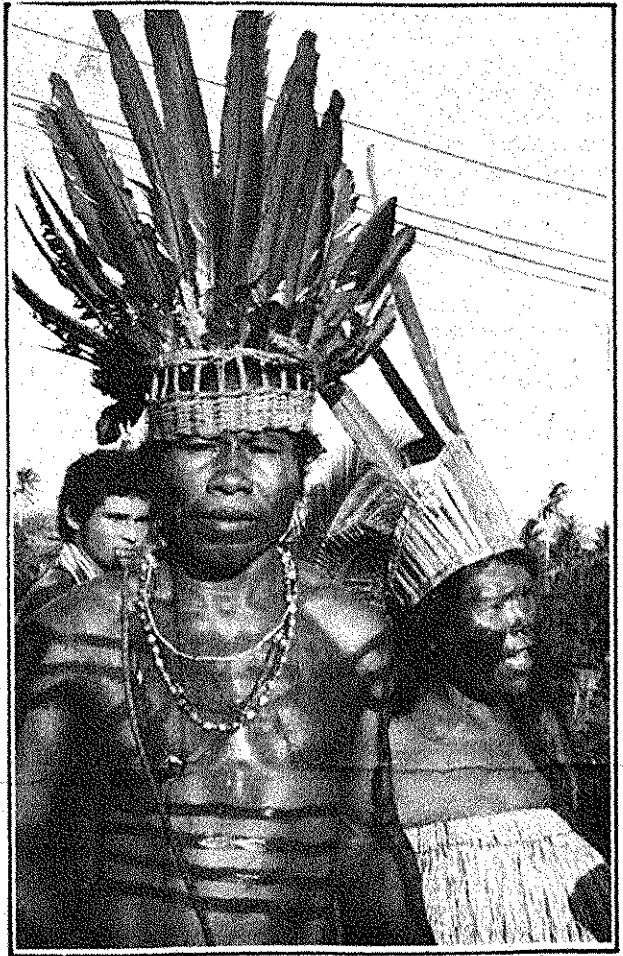
Pg.: _____

Na Taba dos Pataxós

A raça acuada em nome da curiosa civilização

"Somos Pataxós, mas temos vergonha de vestir a nossa 'farda'. Gostaria que todos os índios estivessem com suas penas, ritos e mitos, para receber os nossos irmãos brancos, hoje. Mas estamos encurralados confinados e deixando de lado nossa cultura em nome de um sonho que se chama 'civilização'. Esta foi a impressão mais forte e triste, tirada dos índios Pataxós, da aldeia de Barra Velha, no sul da Bahia, quando nos encontramos e vivemos juntos, por alguns dias. Tururim, o cacique, um homem forte de 1 metro e quarenta e oito, recebeu os alunos do Colégio Anchieta, do curso de Patologia, universitários da Universidade Católica, da Odontologia e alguns jornalistas, com a naturalidade de uma criança e com a esperança de todo brasileiro. Toda a viagem foi uma surpresa e um encontro com o que buscamos e ainda tentamos recuperar e preservar: mata atlântica, rios, vegetação respeitada, céu aber-

to, limpo e a não dependência total do dinheiro. Isto é Barra Velha, aldeia dos Pataxós, onde vivem 1800 índios em completa liberdade (?), independentes, mesmo com as dificuldades naturais. 'É obrigação de todo brasileiro conhecer o seu País, seus irmãos e saber que o Brasil não acaba atrás da serpa ou do mar, disse o professor e diretor do Colégio Anchieta, Newton Paiva Ferreira Filho, organizador da expedição à terra Pataxó, denominada pelos alunos como 'Expedição Anchieta Baixú (bonita). Esta é a minha intenção, prosseguiu o diretor, trazer até os índios todo o nosso apoio e ajuda, seja material ou não, para que sintam que o País ainda é deles. Afinal, os jovens precisavam tomar consciência da importância dos índios e da necessidade que passam, e, principalmente, da responsabilidade de cada um em dar a sua colaboração. Daí nasceu o Projeto Anchieta'.



Cocar, colares e pinturas, somente em dia de festa

— Alda Lopes de SOUZA —

Falam que índio não é de serviço: nada disso



No "aue", forró à indígena, não podia faltar a sanfona de oito baixos

AS MULHERES SÃO PASSIVAS E DESINFORMADAS (não conhecem a pílula e não aceitam ter filhos em hospitais)". Não precisa, disse a parteira Maria Antônia, que não sabe há quantos anos faz este trabalho de trazer crianças ao mundo". A Jokana (mulher) só precisa de alguém para apagar a criança, pois o resto ela faz sozinha. As mulheres lá de fora é que são muito cheias de bobagem", filosofou. Pode ser que Maria Antônia tenha razão, pois em toda a tribo não existem deficientes de qualquer natureza e todos são muito saudáveis, com apenas um caso de morte infantil, durante o ano.

"A FUNAI - Fundação Nacional do Índio, tem muito compromisso, pois nós não somos os únicos índios, do Brasil, mas precisamos de muita coisa, disse Tururim, o líder dos Pataxós. Não temos transporte, somente um barco, alimentação adequada para os doentes não existe e o artesanato, que é nosso sustento, não pode ser vendido, porque não temos estradas, somente estes charcos e brejos que vocês atravessaram. A Funai não é de todo ruim, tem aqueles que não querem o nosso bem e ficam dizendo que somos preguiçosos, como o médico Adriano de Freitas, que só vem aqui uma vez por ano. E que só está aqui agora, porque sabia que vocês vinham, frisou.

As condições de vida são péssimas, sem falar nas terras que nos deram, lamentou o índio, mas queremos que vocês digam ao povo, lá de fora, que nós não somos preguiçosos e nem ficamos à espera da ajuda de Tupã. Trabalhamos dentro do que podemos, sabemos ao que é permitido pelas condições, e se isto não é suficiente a culpa não é nossa, afirmou. Agradecemos pela horta, pelos peixes (doados pelo Colégio Anchieta) e esperamos que isto (a expedição) sirva de exemplo para outros e que eles venham conhecer a terra dos Pataxós, um lugar bonito e que pode dar muita coisa, se alguém ajudar e acreditar".

Um rio que dá peixe pode castigar também

"A viagem foi dura, mas valeu a pena". Este é o pensamento de todos, após os quatro dias de convivência com a realidade indígena Pataxó. "Pataxó significa o que vem do mar, segundo Alfredo ou o Subcacique Ita, na linguagem Pataxó.

O barulho das águas dá esta impressão de que o mar está chegando até a aldeia (o mar fica a 1km), e a sensação é boa, apesar de preferirmos os rios, frisou Alfredo. Este mundo de água que cerca os lugares não é para nós, e se irrita quando nos aproximamos. Por isso Tupã nos deu os rios para que tivéssemos o nosso sustento". Filosofia ou não, Ita tem razão e adeptos em toda a tribo. Durante horas, os alunos do Colégio Anchieta trabalharam na terra dos Pataxós, colhendo amostras de tudo:

fezes, sementes, terra, água, e "nem dava para cansar, segundo Marcelo Anderson Magalhães, do grupo de Nutrição, que disse ter sido "a maior e melhor experiência de toda a sua vida.

Os indiozinhos ou quitoques são tranquilos, morenos que se assemelham a cobre, mas com olhinhos espertos e destemidos. Mas não são crianças por muito tempo, ou pelo mesmo tempo que os "civilizados", como somos chamados: pois se casam muito cedo. Entre 12 e 14 anos, quase todas as meninas já estão casadas, e os rapazes aos 18 ou 20 anos. Mas nem todos concordam e aceitam que isto aconteça, como afirmou o índio mais velho da tribo, "Velho Duardo" (88 anos), que acha que "casar cedo estraga a vida das meninas".

Fato curioso: o namoro não existe. Simplesmente o rapaz joga pedrinhas na menina em que está interessado e, se ela demonstrar interesse, procuram o pai e marcam a data do casamento, que, geralmente, é no dia 20 de janeiro, quando o padre aparece por lá. O regime patriarcal predomina, onde os homens merecem a melhor água e alimentos e ainda podem se dar ao luxo de ter mais de uma mulher, desde que "prove que tem condições".

Curandeiro só inventa e dá alguns remédios, "mas quem cura é Deus"

"Eu não curo ninguém, quem cura é Deus. Apenas invento obedecendo aos ensinamentos do meu mestre (Tupã). Por isso meus irmãos acreditam em meu trabalho, disse o curandeiro da tribo, "Velho João", ou "Baquirá", na linguagem Pataxó, um simpático, mas severo índio, que adora um "agrado" (presentes). Comecei a inventar remédios, porque nem sempre os remédios de nossos irmãos brancos servem para nós, explicou. Mas não existe magia negra ou qualquer espírito mal, como vocês lá de fora acham, pois isto é coisa de gente da cidade".

Rezo na língua Pataxó ou no Português, porque isto não importa, quando basta a fé na cura e em Deus, frisa Baquirá. Eu não guardo mágoa de ninguém, nem mesmo do pessoal do massacre de 51, quando homens aqui chegaram e botaram fogo, quebraram minha cabeça, me obrigando a fugir para o mato, por causa de terras. Hoje, eu quero ser mais esperto, porque naquele tempo, índio era besta (e ri, dizendo: ainda é um pouco) acreditava em tudo quanto era palavra bonita de branco e ficava seduzido. Não tenho vergonha de assumir os meus brancos e colares, e meus próprios irmãos têm e ficam sonhando com a civilização, que não é tão melhor do que a nossa terra, afirmou Baquirá.

Por mais longe que esteja da civilização, o amor do brasileiro pelo futebol está presente. Salvo, o poeta jovem da tribo, "ama o Flamengo, faz de Júnior o maior jogador do mundo e pinta na parede de seu barraco de adobe a frase: o mais querido do Brasil. E, também queria "ver o Atlético jogar, conhecer Reinaldo e Eder.

Os alunos do curso de Odontologia, da Católica, de período variados, mostraram toda a competência, extraindo, nada mais do que 600 dentes, já que não estava programado nenhum tratamento. E estranharam o fato dos dentes dos índios estarem desgastados e não haver uma explicação lógica para isto, como afirmou Vicente de Paulo dos Reis, quintanista. Mas no geral, a dentição dos Pataxós é muito boa.

Todos os dados foram coletados, todas as informações serão analisadas e ficou a intenção de voltar, a esperança dos Pataxós nas promessas feitas e na possível melhoria de vida. Para Newton Paiva Ferreira Filho, "a hora é de trabalhar, chega de criar a idéia na cabeça de nossos jovens de que o Brasil é um país sem solução. Elas existem e vamos encontrá-las, pois não podemos deixar nossas raízes e história acabarem, simplesmente, porque não sabemos como resolvê-las".